



## O IMAGINÁRIO DA MULHER E O DRAGÃO EM APOCALIPSE DE JOÃO 12: HERMENÊUTICA ECOFEMINISTA E GÊNERO NA ARTE VISUAL DE WILLIAM BLAKE E J. BORGES

THE IMAGINARY OF THE WOMAN AND THE DRAGON IN THE APOCALYPSE OF  
JOHN 12: ECOFEMINIST HERMENEUTICS AND GENDER IN THE VISUAL ART OF  
WILLIAM BLAKE AND J. BORGES

Flávio Augusto de Sousa Oliveira\*

**Resumo:** O artigo mergulha sobre os significados do imaginário da mulher colocada em oposição ao dragão apresentados a partir do Apocalipse de João 12, analisando a recepção deste imaginário em visualidades artísticas. Contrasta o imaginário das relações de poder entre o monstro-dragão e a mulher que resiste e reexiste em suas representações amplas e múltiplas diante do mal, quer sigamos o eixo teórico da exegese histórico-críticas ou pelas interpretações literária-criativas do imaginário. As imagens da cultura visual, seja ela imaginária ou concreta, representa todo o nosso arcabouço cultural, estando sujeitas a nossa hermenêutica, apresentando a estrutura patriquiarcal estabelecida ou uma visão libertadora sobre a condição da mulher. Duas obras de arte são analisadas, destacando contrastes de imagens, gênero e poder: “O dragão vermelho e a mulher vestida de sol” na visão mística do inglês William Blake (1757-1827) e “A mulher e o dragão” do artista pernambucano J. Borges (1935- ). Vamos do método descritivo aliado a busca de significação e produção de sentidos das imagens, a uma perspectiva ecofeminista e de gênero, como chave para a compreensão da recepção do imaginário da mulher e o dragão em Apocalipse de João 12.

**Palavras-chave:** Literatura. Imaginário. Ecofeminista. Gênero. Arte.

**Abstract:** The article delves into the meanings of the imagery of the woman placed in opposition to the dragon presented from the Apocalypse of John 12, analyzing the reception of this imagery in artistic visualities. It contrasts the imaginary of power relations between the dragon-monster and the woman who resists and re-exists in her broad and multiple representations in the face of evil, whether we follow the theoretical axis of historical-critical exegesis or through literary-creative

\* Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Bacharel e Especialista em História pela PUC Goiás. Bacharel em Teologia pelo STBNB-Recife/PE. Bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa ReGePode (Religião, Gênero e Poder). E-mail: flavioaso@hotmail.com



interpretations of the imaginary. The images of visual culture, whether imaginary or concrete, represent our entire cultural framework, being subject to our hermeneutics, presenting the established patriquiarchal structure or a liberating vision about the condition of women. Two works of art are analyzed, highlighting contrasts of images, gender and power: "The Red Dragon and the Woman Clothed in the Sun" in the mystical vision of the Englishman William Blake (1757-1827) and "The Woman and the Dragon" by the artist from Pernambuco J. Borges (1935). We go from the descriptive method combined with the search for meaning and production of meaning in images, to an ecofeminist and gender perspective, as a key to understanding the reception of the imagery of the woman and the dragon in Revelation 12.

**Keywords:** Literature. Imaginary. Ecofeminist. Gender. Art.

## Introdução

"Bíblia é elemento essencial de nossa tradição imaginativa"  
(Norton Frye)

Uma grande tradição imaginativa e imagética permeia os textos sagrados, em especial os textos bíblicos apocalípticos. Apocalipse de João apresenta imagens de seres monstruosos (Ap 6,1-8; 9,1-21;12,1-18; 13,1-18;17,1-18;19,11-21;20,1-10) que são significativas por causa da sua diversidade de interpretações e leituras possíveis, conforme a escolha de eixo teórico, da base sociocultural que temos e dos interesses na recepção destes textos.

Investigamos este imaginário bíblico dos monstros e o contraste deste imaginário apocalíptico com a figura da mulher em suas representações amplas, quer sejam histórico-críticas ou literária-criativas, observando a questão do poder e símbolos kiripatriarcais<sup>1</sup> representado no texto e nas imagens Apocalipse de João 12 e as formas de alternativas de resistência e reexistência a ele presentes.

Assim, usamos a base teórica hermenêutica ecofeminista como forma de compreender estes elementos simbólicos ligados ao meio ambiente/vida e ao protagonismo representativo da mulher no texto e a relacionamos a 'gênero' enquanto categoria analítica de percepção de mundo, onde percebemos os mecanismos de instituição (e manutenção) do patriarcado e que

<sup>1</sup> A contribuição o conceito de quirocentrismo desenvolvido por Elisabeth S. Fiorenza, e entendido como um sistema correlacionado de dominações patriarcais: as sociedades quiaricais precisam de uma "classe serva" de pessoas. A existência dessa classe é mantida através de leis, de sistemas educacionais, políticos e religiosos. Tal sistema se sustenta na crença de que os membros dessa "classe serva" são inferiores por natureza ou por decreto divino e devem submeter-se aos indivíduos e grupos a quem estão destinados a servir. Dentro dessa compreensão, o patriarcado, visto por lentes feministas, não é compreendido como um sistema dualista essencialista, mas como um conceito analítico que permite perceber as estruturas e as relações que conformam o sistema a partir das interações com múltiplos elementos, como gênero, raça, classe, e suas inscrições discursivas e reproduções ideológicas. SANTOS, Odja Barros. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. *Interações*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334-354, ago./dez. 2018.

apontam caminhos de superação deste paradigma. Gênero passa a ser uma forma importante de dar significado e crítica das relações de poder<sup>2</sup>

Aplicamos a teoria do imaginário durariano<sup>3</sup> como forma de compreensão deste universo simbólico-imagético onde estas narrativas e imagens nos parecem ter sido construídas sobre tensões e conflitos internos e outra base vinda do ambiente externo (social).

Na primeira parte do artigo, pensemos sobre a possibilidade deste imaginário bíblico apocalíptico possuir significados diversos: seriam os simbólicos construídos a partir de um imaginário que vem de antigas tradições, com a judaica e gnóstica, e seus mitos? Poderiam eles simultaneamente representar as tensões e conflitos histórico-existenciais de um povo que vivia sob o jugo imperialista romano?

Entendemos que estas imagens são resultado de um processo de representação relacionado construção de um imaginário que perpassa a necessidade de uma hermenêutica compreensiva da simbólica do mal<sup>4</sup> e que tem sua recepção através de produções culturais criativas as visualidades que podem ser analisadas e contrastadas hermeneuticamente<sup>5</sup>.

Buscamos, na primeira parte, os significados deste imaginário do dragão e da mulher descritos em Apocalipse 12 entre a zona de fronteira entre o histórico-crítico<sup>6</sup> e simbólico-imaginário, que se retroalimentam. Na segunda parte, realizamos uma análise da recepção deste imaginário do dragão e a mulher através de duas obras visuais distintas, de autores com um distanciamento histórico-cultural enorme e que produziram obras significativas e contrastantes: o romântico inglês William Blake e o cordelista brasileiro J. Borges.

Nos contrastes das obras visuais entendemos que este imaginário da 'mulher e o dragão' perpassam os modos socioculturais do olhar, por aquilo que sabemos ou que acreditamos, refletem as condições de classe, educação, gênero, religião, exercendo ao mesmo tempo uma influência sobre essas condições.

---

<sup>2</sup> SOUZA, Carolina Bezerra; RICHTER REIMER, Ivoni. Violência, Bíblia e as Mulheres. **Unitas**, v. 6, n. 1, p. 32-48, 2018. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/645/769>. Acesso em: 03 mar. 2022.

<sup>3</sup> DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral**. 4. ed. Trad. Helder Godinho. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012.

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Trad. Hugo Barros Gonçalo Marcelo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2018.

<sup>5</sup> DUARTE DE SOUZA, Sandra. A relação entre religião e gênero. Um desafio para a sociologia da religião. **Caminhos**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008.

<sup>6</sup> HORSLEY, Richard A. **Jesus e a espiral da violência: Resistência judaica popular na Palestina romana**. Trad. Monica Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Bíblia e sociologia).; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó**. São Paulo: Paulus, 2005.

## O dragão e a mulher vistos como relações de poder: as fronteiras do histórico-crítico ao universo simbólico-imaginário em apocalipse de João 12

Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz. Então apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas. Sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do céu, lançando-as na terra. O dragão colocou-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho quando nascesse. (Ap 12,1-4)<sup>7</sup>

Para a compreensão destas imagens complexas de Apocalipse 12 é necessária uma hermenêutica que considere tanto a dimensão simbólica-imaginária quanto a histórico-crítica. Diante da visão descrita em Apocalipse de João 12,1-4, reconhecemos uma diversidade de tradições/memórias religiosas que compõe o cenário imaginário criativo das primeiras comunidades cristãs dos séculos I e II d.C. Entendemos que a apocalíptica é uma expressão de 'revelação' (*apokalypsis*) visionária "de estruturas de poder"<sup>8</sup> tanto do mundo celestial quanto dos segredos da história e do destino das pessoas reveladas aqui na terra. Neste sentido, é preciso entender que as primeiras comunidades cristãs expressavam em textos muito de suas vidas cotidianas, 'revelações' criativas da imaginação de seu mundo; mas, sobretudo, expressavam uma busca de dar sentido a sua existência diante dos conflitos vivenciados<sup>9</sup>.

No imaginário de Ap 12, percebemos estruturas cotidianas /imaginárias vindas destas comunidades cristãs com uma ênfase forte no conflito e nas crises: O cenário imagético inicial do texto destaca a experiência visionária: um embate que se dá, a princípio, no "céu"<sup>10</sup> entre "a mulher vestida de sol" e "o dragão"; que depois se estabelece no ambiente da terra. As personagens principais da trama, a mulher e o dragão, são descritos através de imagens significativas dentro das tradições apocalípticas anteriores ao I séc. d.C.

A imagem do dragão é apresentada com características de um poder 'monstruoso', avassalador. Como um símbolo do "grotesco", uma grande imagem do monstruoso e do caos que sabemos existir em diversos mitos de embate dos povos do Antigo Oriente Próximo<sup>11</sup>. É possível associar a este dragão bíblico do caos com a imagem do 'abismo primordial' da criação

<sup>7</sup> BÍBLIA ONLINE. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ap/12/1-4+>. Acesso em: 03 mar. 2022.

<sup>8</sup> NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. **Religião e poder no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção academia bíblica).

<sup>9</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 11.

<sup>10</sup> Como "porta aberta no céu", (Ap 4,1) que relembra as viagens celestiais da apocalíptica intertestamentária de 1 Enoque e Testamento de Abraão.

<sup>11</sup> SILVA, Valmor; OLIVEIRA, Flávio Augusto de Sousa. Beemot e Leviatã no imaginário do antigo Oriente Próximo. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 27, p. 1-19, jan./dez. 2022.

(Gn 1,2), com o monstro *Tiamat* da tradição mesopotâmica ou ainda com o Leviatã<sup>12</sup> (Jó 26,12;41,1; Is 27,1;51,9-10) das narrativas do Antigo Testamento.

Entendemos que este imaginário do dragão – como poder e violência grotesca – se apresenta entre fronteiras hermenêuticas, pois percebermos elementos tanto de crítica político-social, de um sistema linguístico-simbólico religioso e da subjetividade criativa se expressando. Assim, reconhecemos que:

O grotesco tem sua manifestação plena em seres monstruosos, descrições do além-mundo e do além-morte. O grotesco pode, no entanto, nos servir para uma aproximação com as profundezas da psique humana, uma vez que elas partilham da liberdade imagética do inconsciente, mas também da cultura popular, que na exploração do corpo grotesco, de suas imagens e enredos, inverte o mundo e as relações por ele consideradas legítimas.<sup>13</sup>

Notamos como a descrição do dragão se relaciona a questão de um poder estabelecido: “Sete cabeças e dez chifres e, nas cabeças, sete coroas (diademas)”, as quais podemos entender como uma representação simbólica-imagética bíblica de um poder hierarquizado e bélico. Sabemos que o imaginário do ‘chifre’ está relacionado com a de “potência viril”: enquanto elemento simbólico/diabólico, está na “conjunção entre os chifres de animais e do chefe político-religioso” que o manipula. Podendo, ainda, adquirir uma “apropriação mágica dos objetos simbólicos”, como no caso do “soldado romano ‘valoroso’ que acrescenta um *corniculum* ao seu capacete e, por contaminação simbólica, adquire a função de amuleto ou talismã”<sup>14</sup>. Símbolo dentro de um imaginário de poder masculino.

De forma complementar, surge a imagem da “sua cauda que arrastou consigo um terço das estrelas do céu lançando sobre a terra”, indicando que o dragão não está sozinho (não é algo único, individual) mas é uma estrutura de poder (coletividade) ao espalhar sua violência e terror contra a vida, da mulher e da criança<sup>15</sup>.

Afirmamos que a atuação violenta do dragão e o poder das ‘legiões’ romanas podem ser associadas dentro de um imaginário-simbólico, na medida em que percebemos como suas práticas de tortura e morte foram utilizadas como forma de controle: Os corpos de pessoas consideradas subversivas (perigosas à manutenção da ‘ordem’ estabelecida pelo império) eram perseguidos (mulheres, jovens e adultos) e punidos violentamente<sup>16</sup>. Nesta perspectiva,

<sup>12</sup> Lembrando que na LXX, ‘dragão’ é a expressão utilizada para traduzir as palavras Leviatã e Tannin. TERRA, Kenner. **O Apocalipse de João**: caos, cosmos e o contradiscurso apocalíptico. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020. p. 178.

<sup>13</sup> NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016. p. 258.

<sup>14</sup> DURAND, 2012, p. 142-143.

<sup>15</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 174.

<sup>16</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. **O milagre das mãos**: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico cultural. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC Goiás, 2021. [e-book].



afirmamos que toda a estrutura colonial é percebida como um poder simbólico e as violências institucionalizadas precisam ser compreendidas e denunciadas, pois todo este poder 'imperial' (principalmente quando alia política, direito e religião) acaba determinando relações de poder opressoras e excludentes sobre pessoas vulnerabilizadas, particularmente, mulheres e crianças.

Esclarecemos que “o Império Romano oferecia aos seus cidadãos e expressão retórica, materializada no Imperador e na Pax romana, de ordem e coerência que unia âmbitos sociais mais fundamentais da vida comum”. As visões do Apocalipse de João apresentariam uma perspectiva bem diferente: monstros perseguidores são apresentados como que “para se perceber o lado caótico que o sistema representava”<sup>17</sup>, sempre grande ameaça para a vida das pessoas fragilizadas.

De forma complementar sobre o imaginário do dragão (poder institucionalizado e violento), sublinhamos que a imaginação apocalíptica judaico-cristã desenvolveu uma função específica, a de “imaginação criativa”, que desmistificava, criticamente, as pretensões, práticas e discursos de “uma ordem estabelecida”, como a “imposição da Pax romana”. Assim, textos apocalípticos simbólicos construíram imaginários, como o de Ap 12:

Imperadores não eram divinos e sumo sacerdotes não eram sacrossantos. De fato, longe de ser sagrada ou ordenada por Deus, a ordem estabelecida estava permeada por forças demoníacas. Dessa maneira a imaginação apocalíptica teve o efeito de fortalecer a capacidade de persistência do povo, e até mesmo, um efeito motivador em direção a uma resistência e revolta.<sup>18</sup>

A narrativa imagética de Ap 12 apresenta uma oposição violenta entre dois poderes: Primeiramente, ‘a mulher’<sup>19</sup> vestida de sol; uma mulher não identificada, sem nome. Depois, a imagem do dragão “vermelho”, como o elemento simbólico-imaginário cor de fogo, que representa movimentos relacionados ao queimar, secar, deformar vida<sup>20</sup>.

A mulher, claramente, é um símbolo- imagético daquela que luta para preservar a vida em contraste com o poder violento do dragão, um símbolo do caos que persegue/ameaça a vida da mulher e da criança (Ap 12, 1-18), que podemos situar dentro de um contradiscurso crítico-histórico relacionado a uma realidade monstruosa, na qual que há uma luta entre forças opostas:

<sup>17</sup> TERRA, 2020, p. 143.

<sup>18</sup> HORSLEY, 2010, p. 129.

<sup>19</sup> Ficamos com o texto escrito, como a expressão ‘uma mulher’ como símbolo de força e preservação da vida, nos afastamos das interpretações tradicionais modernas que a identificam com a Igreja institucional, Maria de Nazaré ou o ‘Novo Israel’, com suas variantes. Contudo, não excluimos a interpretação crítica-histórica com o simbolismo da ‘mulher’ relacionada as comunidades cristãs atingidas (com mulheres, mães e crianças) pelos sofrimentos infligidos pelo Império Romano. Para maiores detalhes vide NOGUEIRA, 2020, p. 172.

<sup>20</sup> DURAND, 2012, p. 53.

Antes, o dualismo apocalíptico retrata a luta entre as forças criativas divinas e forças destrutivas demoníacas, uma luta pelo controle do processo histórico. A luta entre Deus e Satanás [...] se refere àquilo que acontece num segundo nível, no nível do povo e do processo histórico [...] Num outro nível ainda, mas obviamente em íntima relação, aluta entre as forças espirituais ocorria nos corações de pessoas individuais, de modo que tanto sua conduta individual como seu grupo sociopolítico era determinado por qual respectiva porção dos dois espíritos de verdade e falsidade.<sup>21</sup>

Nesta perspectiva, a narrativa-imagética se apresenta três níveis diferentes, sempre interligados: o nível sobre-humano (nos “céus” onde anjos, “dragões e serpentes” duelam), o nível do processo histórico (“o dragão cai na terra”, persegue a mulher na terra, como em “a terra se levanta para ajudar a mulher”, e seus “descendentes”) de um povo oprimido/colonizado pelas forças políticas-imperiais; e o nível da vida cotidiano da sociedade palestina-judaica, onde a individualidade era considerada importante (“a mulher”, “a criança/menino”), os quais podemos entender como símbolos de resistência.

Notamos que Ap 12, 13-18 enfatiza o conflito direto entre a mulher e o dragão, porém o imaginário vai se tornando cada vez mais complexo, inserindo novos personagens:

Foram dadas a mulher as duas asas da grande águia para que ela pudesse voar para o lugar que lhe havia sido preparado no deserto, onde seria sustentada por um tempo, tempos e meio tempo, fora do alcance da serpente. Então a serpente fez jorrar da sua boca água como um rio, para alcançar a mulher e arrastá-la com s correnteza. A terra, porém, ajudou a mulher, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão fizera brotar da sua boca. (Ap 12, 14-16)<sup>22</sup>

Percebemos que a questão principal não se trata apenas de preservar a vida da criança nascida, pois existe todo um simbolismo cósmico: “o dragão e seus anjos foram lançados à terra” (Ap 12,9), Passa-se, assim, a constar elementos básicos da vida participando ativamente (água/terra) neste conflito de relações de poder entre a mulher e o dragão: a água e a terra.

A hermenêutica ecofeminista<sup>23</sup> nos ajuda na compreensão destes símbolos e imagens apresentadas em Ap 12. De forma ampla e inequívoca, a trama imagética está retratando que os corpos das mulheres estão sendo perseguidos (Ap 12, 13), corpos de mulheres sofrendo “dores” (Ap 12,2) e que buscam formar de viver e expulsar o mal que atormenta as suas vidas. Narrativas semelhantes, de expulsão do mal, se encontram em diversos textos que tratam de ‘exorcismos’, expressões da cultura popular da época<sup>24</sup>.

A mulher usa poderes diferentes (e de forma diferenciada) do dragão, seu corpo adquire “duas asas da águia” para não ser subjugada. Biblicamente, ‘asas de águia’ são símbolos

<sup>21</sup> HORSLEY, 2010, p. 165.

<sup>22</sup> BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2001.

<sup>23</sup> RICHTER REIMER, Ivoni; SOUZA, Carolina Bezerra de; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e epistemologias feministas nos estudos da religião. *Reflexus*, Vitória, v. 14, n. 1, p. 15-43, 2020. p. 34.

<sup>24</sup> RICHTER REIMER, 2021.



significativos da força do feminino, cuidado e proteção (Ex 19, 4; Dt 32,11); é ela quem cuida e salva a vida. Podemos associar esta imagem da água/ pássaro ao imaginário dos seres alados /intermediários na apocalíptica judaica que a levam ao lugar chamado ‘deserto’. Sendo que o espaço ‘deserto’, na Bíblia, é um símbolo de purificação, do lugar do encontro com sagrado (Ex 3), mas, sobretudo, de ação maternal-soberana e de cuidado<sup>25</sup> (vide a narrativa de Hagar, a egípcia, em Gn 21, 14-20).

Logo após, o confronto com o “rio de água” (que jorra da boca do dragão) parece retomar o mito do ‘caos primordial’; já que ‘águas’, aqui, simbolizam separação e morte (vide Ap 21,1). Entretanto, a terra vem em socorro a mulher. Uma aliada se apresenta. Lidice Nogueira<sup>26</sup> afirma que ‘a terra’, em Ap 12, representa reminiscências do mito da mãe-Terra e que podemos nos aproximar de uma leitura das concepções de matrilinealidade<sup>27</sup> – pois o povo apresentado é a sua descendência (Ap 12,8) – e de matrifocalidade<sup>28</sup> presentes no texto: no clímax imagético de Apocalipse 12, a mulher é vista como o centro de resistência e de reexistência diante do monstruoso-mal que ameaça a vida e assola a terra. Não podemos esquecer recordamos a concepção de esperança cristã está vinculada a uma teologia da terra: “Ao céu pertencem os anjos, seres humanos, porém, foram tirados da terra e pertencem à terra”<sup>30</sup>.

Diferentemente da tradição apocalíptica que coloca Miguel como protagonista contra as forças do mal (Dn 7 e Dn 10-12), em Ap 12 a mulher (como a criança e a sua descendência) é um como poder capaz de superar o monstruoso dragão-mal. Destacamos que, mesmo silenciadas em uma cultura que impunha a submissão, o texto apresenta “mulheres em luta contra os demônios”. O que pode ser uma significativa memória nas comunidades “da batalha pela vida/maternidade e saúde das crianças”<sup>31</sup>.

<sup>25</sup> RIBEIRO, Lidice Meyer. **O Apocalipse e a mulher**. Curso on-line (cinco aulas, s/p). Universidade Lusófona-X, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Lisboa, abr./maio 2023.

<sup>26</sup> RIBEIRO, 2023, [n.p.].

<sup>27</sup> Entendemos ‘matrilinearidade’ como o sistema de parentesco, de filiação, através do qual somente a ascendência (família) da mãe é a referência para a transmissão do nome, dos benefícios ou do status de se fazer parte de um clã ou classe, enquanto no seu oposto, a patrilinearidade, a ascendência considerada é a paterna. Para maiores detalhes vide o artigo de OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: Uma abordagem Afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **Odeere**, Jequié-Bahia, v. 3, n. 6, p. 316-339, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4424>.

<sup>28</sup> O conceito de Matrifocalidade está relacionado ao tratamento e visão da mulher como centro ou líder do grupo/família/povo representado em Ap 12.

<sup>30</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007. p. 197.

<sup>31</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 179.



Evidenciamos que em Ap 12, a mulher não é associada ao imaginário negativo oriundo da tradição judaica como 'sedutora' e cooperadora do mal<sup>32</sup>. Ela é a protagonista diante da expulsão do monstruoso/mal desta realidade e da coprodutora ao lado da terra-mãe.

Até aqui, vimos como o imaginário da mulher e o dragão em Ap 12 se situa em diversas zonas de fronteiras teóricas-hermenêuticas e que precisamos tanto observar os aspectos históricos-críticos quanto o universo imagético-simbólico para compreender a profundidade destas imagens.

Compreendemos que essas imagens de Ap 12 fazem parte de uma narrativa criativa e libertadora que mescla diversas tradições/memórias apocalípticas (judaica, gnóstica e cristã), na qual se destacam as relações de poder entre a mulher colocada oposição ao poder do dragão (estruturado e violento), apresentando como denúncia de um mundo violento, permeado por símbolos e imagens grotescas que vão construindo o imaginário do mal.

Passaremos para a segunda parte, onde observaremos a recepção deste imaginário da mulher e o dragão em Ap 12, em duas obras de arte visuais produzidas em períodos históricos e culturas bem distintas.

## A recepção do imaginário da mulher e do dragão em William Blake e J. Borges

A recepção do imaginário dos monstros e do mal é percebida em diversas culturas e períodos históricos. Encontramos significados distintos para essas imagens relacionadas ao poder do forte subjungando as vidas mais vulneráveis e ao medo da destruição/contaminação ecológica:

Na idade Média, o dragão tem o mesmo valor simbólico que os gigantes. A modernidade lhe deu novos atributos. Para os japoneses, traumatizados por Hiroshima e Nagasaki, os dragões que simbolizavam terremotos, tornaram nos anos 50, os monstros das catástrofes, como o célebre Godzilla (1956). Mais perto de nós, os dinossauros/dragões de Jurassic Park (1993) evocam, simultaneamente, o medo das manipulações genéticas.<sup>33</sup>

Os monstros na literatura, como o dragão vermelho, fazem parte dos grandes símbolos e arquétipos<sup>34</sup>. Eles representam, em épocas diferente, o reflexo de nossa imagem diante daquilo

<sup>32</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 175.

<sup>33</sup> LEGROS, Patrick. **Sociologia do imaginário**. 2. ed. Trad. Eduardo Portanovas Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014. (Coleção Imaginário Cotidiano). p. 256.

<sup>34</sup> Dentro do pensamento simbólico-imaginário, diferenciamos símbolos e arquétipos. Os símbolos se apresentam de diferentes formas em culturas e períodos distintos, enquanto os arquétipos não são segue uma constância na medida em que fazem parte da psique humana. Os símbolos são, nesta perspectiva, especificações culturais dos arquétipos (LEGROS, 2014, p. 121). Para maiores aprofundamentos no tema vide JUNG, Carl G. **Resposta a Jó**. 10. ed. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.

que é incompreensível, da angústia que advém da finitude e da morte. Assim, representar em imagens os monstros é uma tentativa de superação desta angústia existencial:

Figurar o mal, representar um perigo, simbolizar uma angústia, já é, para o domínio do *cogito*, dominá-lo [...] A imaginação joga o tempo sobre o terreno onde poderá vencê-lo com toda a facilidade. E, enquanto ela projeta a hipérbole assustadora dos monstros da morte, em segredo aponta as armas que enterram o Dragão. A hipérbole negativa não passa de um pretexto e antítese.<sup>35</sup>

Neste sentido, os monstros literários estariam relacionados como nossa necessidade de 'eufemizar' o poder do desconhecido, do tempo e da morte. Lembrando que o imaginário não fica limitado as concepções rígidas de tempo e morte, pois as representações podem ser diversificadas; na personificação do dragão em Ap 12, a violência simbólica e a morte, passa a ser algo observável e com a qual podemos criar formas de resistir e reexistir, como as representadas na imagem da mulher e a criança.

Esclarecemos que a esta teoria do imaginário durandiano possui um viés antropológico dinâmico, com elementos que se relacionam entre si: o *schémes* (intenção inicial, anterior a imagem), o arquétipo (a imagem fundamental ou primeira) os símbolos (a representação do arquétipo em determinada cultura) e o mito (como a narrativa propriamente construída)<sup>36</sup>.

Nossa análise da recepção do imaginário de Ap 12, segue a indicação de que "nossa sensibilidade é mediadora neste processo" de que "a assimilação subjetiva desempenha um papel importante e no encadeamento dos símbolos e suas motivações"<sup>37</sup>.

Refirmamos que o estudo do imaginário funciona como acesso a nossa sensibilidade, na medida em que nos ajuda no processo de reconstrução de nossa visão sobre o mundo e sobre o outro, bem como de um "estado de compreensão da pluralidade dos modos de existência, onde se permite coexistir de maneira afetiva com o que antes nos causava estranheza"<sup>38</sup>.

Neste sentido, nossa análise das produções visuais que se segue, se baseia na teoria do imaginário em Durand<sup>39</sup>, contudo deixamos espaço para subjetividade e a sensibilidade na interpretação das mesmas.

<sup>35</sup> DURAND, 2012, p. 124.

<sup>36</sup> PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

<sup>37</sup> DURAND, 2012, p. 34.

<sup>38</sup> ANDRADE, Graciele; CARVALHO, Mário de Faria. Caminhos metodológicos sensíveis a partir da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand: a obra de arte como artefato epistêmico e fonte de pesquisa. In: ANDRADE, Graciele; PEREIRA, Clécia; CARVALHO, Mário de Faria (org.). **Imaginário, estética e cultura: ensaios transdisciplinares**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 21-50. p. 25.

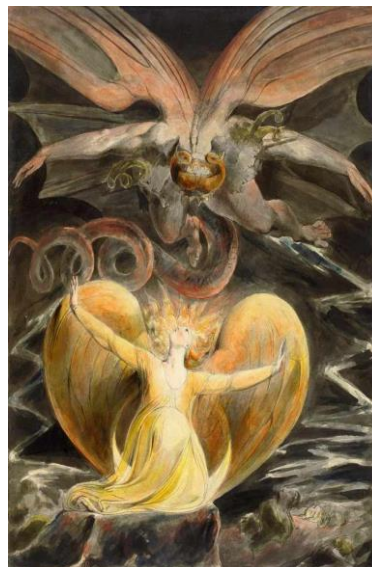
<sup>39</sup> DURAND, 2012.



## O imaginário em ‘O Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol’ de William Blake

"Se as portas da percepção estivessem limpas,  
tudo apareceria para o homem tal como é: infinito".  
(William Blake)

William Blake (1757-1827), artista romântico inglês dos séculos XVIII e XIX, foi autor de inúmeras pinturas, poemas e gravuras<sup>40</sup>. Considerado um gênio incompreendido e preconizador do anarquismo, do romantismo, do surrealismo, ele escreveu e ilustrou cerca de vinte livros, entre eles *As Ilustrações do livro de Jó* e *A Divina Comédia*, o qual ficou interrompido por sua morte. Uma das suas obras mais famosas é *O Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol* (1805), a qual escolhemos para nossa primeira análise.



**Imagem 1:** litogravura “O Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol”, William Blake (1805).

Acreditamos que para a compreensão de uma obra visual-artística de um autor é fundamental entender seu contexto histórico-vital de produção, pois a arte visual é história e cultura, possui um caráter social na medida em que as imagens e as representações visuais participam das relações sociais e da sua compreensão. Sublinhamos nessa análise dos símbolos culturais-visuais que as chaves para a compreensão dessas imagens passam pela compreensão do estilo cultural e contexto de vida:

<sup>40</sup> Estas ilustrações são imagens gravadas pelo próprio autor em placas de cobre no processo conhecido como litografia ou litogravura. SANTOS, Alcides Cardoso dos. O mal como gênio poético nas ilustrações do livro de Jó, de William Blake. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, Londrina-PR, v. 6, p. 44-63, 2005. Disponível em: [https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol6/vol6\\_4.pdf](https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol6/vol6_4.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.



O estilo de uma época se expressa nas formas culturais, na escolha dos objetos, nas atitudes de suas personalidades criativas, em suas instituições e costumes. 'Ler estilos' é tanto uma arte como uma ciência. Requer-se uma intuição religiosa, com base em uma preocupação última, para penetrar nas profundidades de um estilo, para chegar ao nível em que uma preocupação última exerce o seu poder condutor.<sup>41</sup>

O 'estilo' de Blake foi marcado pelo questionamento iluminista da vida e por um contexto de revolução científico-tecnológica industrial na Inglaterra do séc. XVIII-XIX. Sua obra é uma leitura crítica da condição humana colocada diante da realidade opressora, de pobreza e injustiça social. Existe um caráter crítico e negativo, nas obras de Blake, do autoritário poder da Igreja (Anglicana) e do Estado (inglês). Blake também era um admirador do período da Idade Média, buscava retratar formas anteriores ao Renascimento e motivos religiosos judaico-cristãos estavam presentes em suas obras<sup>42</sup>.

Começamos nossa análise da gravura 15 pelo método descritivo. Desde a escolha do título (*O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol*) o autor já indica uma tensão entre dois poderes em conflito, o que é realçado pela ênfase no uso de linhas cortantes, como fazendo um ziguezague que atravessa toda a extensão da gravura, a qual foi impressa na posição vertical.

No plano superior da gravura, em cores escuras e sombrias, o autor situou um dragão com suas asas em movimento e fortes para suportar a imagem de um ser musculoso, com várias cabeças e uma cauda longa em forma de espiral. Esse campo superior do Dragão Vermelho é de uma imagem ameaçadora.

No plano inferior, destaca-se a figura de uma mulher (de pele clara) através de cores claras e vibrantes (do amarelo para dourado, alaranjado) que está situada em cima de uma base elevada que está envolta por um cenário ainda sombrio de escuridão e imagens de pessoas com rosto desfocadas ao fundo/lateral.

Notamos que a composição central foi construída em forma de um 'espelhamento' das imagens: os braços do Dragão Vermelho estão estendidos para baixo em forma de um grande arco, em oposição aos braços da Mulher Vestida de Sol, voltados para cima e como preparados para o embate ou um grande 'abraço' caótico.

Percebemos que um tom escuro (talvez melancólico) permeia todo o conjunto imagético desta gravura. As personagens têm aspecto profundo (sombrias), seguindo um padrão artístico de obras de seus contemporâneos como o pintor suíço Fuseli (1741-1825), e autor da obra *O Pesadelo*<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Paulo: Sinodal; EST, 2005. p. 55.

<sup>42</sup> JANSON, H. W. **História da arte**. 5. ed. Trad. J. A. Ferreira de Almeida; Maria Manuela Rocheta Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 584.

<sup>43</sup> JANSON, 1992, p. 584.



**Imagem 2:** pintura *O Pesadelo* de Fuseli (1741-1825).

Blake deixa transparecer não apenas traços críticos, mas também místico-esotéricos em suas obras. Em Blake, o mal é retratado como uma força/poder na criação.

Entendemos pela análise do imaginário durariano que “O dragão vermelho, de Blake, se encaixa na composição do imaginário de seres-monstruosos relacionado a um regime de imagens de agressividade<sup>44</sup> e de símbolos “teriomórficos”<sup>45</sup>, formas do animalesco: A besta-animal que ultrapassa os limites da criação (*hybris*, para os gregos), como um arquétipo universal do medo<sup>46</sup>.



**Imagem 3:** Destaque da imagem do ‘Dragão Vermelho’, de Blake.

Notamos na imagem do ‘Dragão Vermelho’ similaridades com os elementos da tradição apocalíptica judaica posterior ao exílio neobabilônico assimilada por comunidades cristãs, como a personificação do mal em imagens relacionada a poder (chifres), citadas na primeira parte.

Entendendo que as imagens visuais vão sendo construídas, assumidas, introjetadas e reproduzidas por mulheres e homens<sup>47</sup> e destacamos a imagem da “mulher vestida der sol”. Ela

<sup>44</sup> DURAND, 2012, p. 58.

<sup>45</sup> DURAND, 2012, p. 71.

<sup>46</sup> DURAND, 2012, p. 97.

<sup>47</sup> RICHTER REIMER; SOUZA; SCHUCHARDT, 2020.





possui elementos que podem ser associados a figura da *Shekiná* hebraica, que podemos compreender como “A Presença”<sup>48</sup>, um nome feminino para a expressão Deus.

Sobre a ‘Mulher vestida de Sol’, reforçamos a interpretação de Ribeiro<sup>49</sup>, pois a autora relaciona as imagens positivas da mulher em apocalipse de João com elementos traços tradição da apocalíptica judaica e gnóstica, a Sofia divina: Aquela que indicara o caminho de ‘iluminação’ para a superação do mal.

Sendo que outro dado significativo destaca que este imaginário do sol/solar pode ser como a expressão de uma forma de poder diferenciado do poder imperial romano: “existe um grande simbolismo do sol e nas imagens da coroa solar de (rainha solar) a qual seria um contraponto com as moedas romanas fundidas com a imagem da Mitra-hélios”<sup>50</sup>.



**Imagem 4:** Moeda romana fundida com a figura da Mitra-hélios.

Vendo por esta perspectiva, reafirmamos, na gravura, a questão da mulher colocada diante de uma realidade violenta que a persegue e a quer subjugar, como a kiriopatriarcal, mas que ela enfrenta de todas as formas possíveis<sup>51</sup>

Dentro deste amplo imaginário do autor, percebemos que se destaca o “universo místico”<sup>52</sup> na gravura. Blake procura realizar um ordenamento de uma ‘ação’ mais pacífica entre seus personagens/figuras. Temos até mesmo uma certa sensação de algo íntimo sendo apresentado (mesmo que seja um embate), no repouso/revoada do dragão sobre a imagem da mulher.

Blake parece ter optado pela técnica de ampliação<sup>53</sup> dos símbolos imaginários nesta gravura. Esta técnica consisti em ampliar os extremos binários como forma de confrontar as categorias simbólicas do dragão (negativo/trevas) e da mulher (positivo/iluminação). Por exemplo, a imagem da mulher é apresentada em cores vibrantes (amarelo ouro, sol) fortes e intensas, o que nos traz um sentido conotativo de iluminação espiritual-racional sobre sua

<sup>48</sup> LELOUP, Jean-Yves. **O Apocalipse de João**: traduzido e comentado. Trad. Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 226.

<sup>49</sup> RIBEIRO, 2023.

<sup>50</sup> DURAND, 2012, p. 151.

<sup>51</sup> Para maiores aprofundamentos vide SOUZA; RICHTER REIMER, 2018.

<sup>52</sup> LEGROS, 2014, p. 178.

<sup>53</sup> LEGROS, 2014, p. 142.



imagem. O que pode indicar que o imaginário mantém o padrão relacionado as forças misteriosas do caos, representado pelo monstro-dragão.

Significativo para nossa análise compreensiva do imaginário em ‘O dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol’ é a percepção visual de que o mal não está nem na esfera do Criador, nem tampouco dentro dos seres humanos, mas ele é uma força misteriosa-caótica que paira no cosmos.

### O imaginário em ‘A Mulher e o Dragão’, de J. Borges

A segunda obra que escolhemos para ser analisada é a gravura “A Mulher e o Dragão” do cordelista e gravurista pernambucano J. Borges<sup>54</sup> (1935 - ).



**Imagem 5:** Xilogravura “A Mulher e o Dragão” de J. Borges.

Antes de tudo, precisamos dizer que a obra de J. Borges é vasta, expressa em versos e as xilogravuras<sup>55</sup> que tratam do cotidiano da vida simples do campo no nordeste brasileiro; nelas vimos temas como o cangaço, o amor, os castigos vindos do céu, os grandes mistérios da natureza, os milagres, o mal que assola a terra e a religiosidade popular.

Descritivamente, a gravura está impressa na horizontal. Utiliza traços simples, cores vivas, sobre um fundo branco. Compondo o cenário visual, ao fundo, se identificam dois cactos verdes, como dando o contexto geográfico-social da gravura. Em destaque, a imagem de uma

<sup>54</sup> José Francisco Borges, nasceu em 20 de dezembro de 1935, no município de Bezerros, Pernambuco, onde deu início a sua vida artística e onde reside até hoje, escrevendo, ilustrando e publicando os seus folhetos. J. Borges foi condecorado com a comenda da Ordem do Mérito e recebeu o prêmio UNESCO na categoria Ação Educativa/Cultural. J. BORGES - Xilogravura assinada com moldura 48x66cm a psicanalista. **Arte Maior Leilões**, Recife, [s.d.]. Disponível em: <https://www.artemaiorleiloes.com.br/peca.asp?ID=3019570#desc-compl>. Acesso em: 18 dez. 2023.

<sup>55</sup> Xilogravura é a técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre o papel ou outro suporte adequado. É um processo muito parecido com um carimbo.



mulher com cabelo preto (e solto), com vestido em cor alegre. Ela possui uma faca/espada/peixeira em uma mão e uma clava/bastão na outra. A mulher está diante de um monstro-dragão pintado de azul que possui asas, garras, cauda longa pontiaguda e uma língua vermelha (como de serpente) colocada para fora. As imagens estão dentro de um contorno que funciona como moldura. A percepção é de que os personagens estão com os pés na terra/piso.

Notamos no título escolhido, “A Mulher e o Dragão”, que existe uma inversão da ordem em que aparecem os personagens no texto de Ap 12. O autor demonstra, assim, seu interesse em apresentar a mulher como protagonista em seu imaginário de confronto.

Diferentemente da obra de Blake, a gravura de J. Borges parece ter sido concebida sobre o que a teoria do imaginário chama de “universo heroico”<sup>56</sup>, pois a ênfase principal é o embate entre a personagem de uma mulher contra um monstro/dragão (com suas asas e língua vermelha, como fogo) onde se destaca postura e a força de uma mulher. Simbolicamente, através destes pés no chão/terra, entendemos que no universo imaginário na gravura: o mal é um conflito que existe na terra e sobre a terra.

Em nossa investigação vimos em outras obras similares do autor a mesma postura da heroína: como em “A mulher corajosa” e “A mulher valente”, a mulher da gravura está sempre enfrentando alguma força sobre-humana, um símbolo do mal que faz parte do universo imaginário nordestino.



**Imagens 6 e 7:** Xilografia “A Mulher Corajosa” e Xilografia “A Mulher Valente”, respectivamente.

Percebemos nesta arte visual de J. Borges, o recurso de ampliação dos símbolos ambíguos como a peixeira na mão. A mulher se destaca como heroína-protagonista com a peixeira e o bastão em um punho, pronta para a ação. De forma geral, o imaginário é de que é forte, capaz e não precisa da figura de um ser masculino para ser seu defensor diante do mal monstruoso. Ela pode, sabe e escolhe se defender.

<sup>56</sup> LEGROS, 2014, p. 178.



Entendemos que essas imagens correlatas ao “cetro ou gládio”<sup>57</sup> (que lembram a faca ou bastão) nos remetem as armas que abaterão o dragão/mal ao, submetendo-o a um tempo concreto como uma possibilidade de expulsão pelas imagens da luz/claridade e não pelas posturas de trevas/morte. A faca/espada/peixeira podem ser relacionados com arquétipos, como o de São Miguel Arcanjo, ou símbolos de potência e pureza no universo imaginário<sup>58</sup>.

Em outras palavras, percebemos que a mulher possui outros elementos que indicam força: a própria firmeza e o olhar ereto podem significar uma postura (corporal) de poder e libertação. Recordando que Ap 12 fala do corpo da mulher sendo perseguido, o que lembra muito a expressão da religiosidade popular que trata de exorcismos<sup>59</sup>.

O imaginário do dragão para J. Borges, que tem sua marca telúrica, parece querer desmistificar as forças misteriosas do mal, ou pelo menos indicar um caminho onde há espaço para as ambiguidades da vida. Exemplificamos isto, quando o autor associa com os conflitos da terra (como o sol que queima ou seca dos rios) e coloca a vida das camponesas e camponeses em risco, como visto na figura abaixo:



**Imagem 8:** Xilografia “Monstro do sertão”.

Destacamos que em ‘A Mulher e o Dragão’ o autor optou por outro recurso estilístico, que faz parte da sua produção imaginária-criativa: a simplificação como estilo, uma forma característica do imaginário da literatura de cordel nordestina (não confundamos simplificação com simplista), com traços grossos e cores vibrantes.

Por fim, confrontamos o imaginário encontrado na figura “O dragão vermelho e a mulher vestida e Sol” (Blake) e da figura “A Mulher e o Dragão” (J. Borges) com a hermenêutica do mal

<sup>57</sup> DURAND, 2012, p. 123-124.

<sup>58</sup> DURAND, 2012, p. 161.

<sup>59</sup> RICHTER REIMER, 2021.



de Gebara<sup>60</sup>. Entendemos com a autora que o mal é parte do conflito que permeia a vida: a reprodução de um processo de tragédia e esperança, como uma parte natural da vida e inseparável dela. Blake parece retratar o mal como elemento cósmico e violento, mas mantém sua postura de misterioso e mística.

Por sua vez, J. Borges parece ir na mesma direção, ao imaginar um mundo para além do humano, mas se diferencia ao buscar imagens claras e ousar interpretar as relações de conflito, como as relação à terra (dentro do seu contexto de seca/chuvas) como rostos do mal.

## Considerações finais

Constatamos que o imaginário de um texto bíblico tão complexo como Ap 12 precisa ser analisado sobre pontes teóricas diversas (que se completam), pois os significados do imaginário do dragão e da mulher se encontra em uma zona de fronteira teórico-hermenêutica ampla, partindo das crises histórico-crítico vivenciadas pelas primeiras comunidades cristãs e atingindo o universo simbólico-imaginário – construído como um grande mosaico cultural-literário que mescla diversas tradições/memórias apocalípticas (judaica, gnóstica e cristã).

Vimos como as relações de poder são fundamentais para a compreensão deste imaginário de Ap 12: a mulher sofre perseguição do corpo, sofrendo dores, diante de um gigantesco, ameaçador e violento poder estabelecido. Contudo, ela é a protagonista no enfrentamento a este poder monstruoso (o dragão) que ameaça a vida na terra. É o poder da mulher e da criança (e não dos exércitos ou legiões) que encontram formas de expulsar o mal. Mesmo diante de poderes e tradições que tentam silenciar mulheres, neste texto específico ela é a protagonista.

Analisamos a recepção do imaginário de Apocalipse 12, o dragão e a mulher, e notamos como podem variar as produções das imagens visuais e símbolos conforme a relação que as autoras e autores possuem com os textos bíblicos (sua formação, sua hermenêutica), bem como suas tradições religiosas e artísticas-culturais.

Comprovamos que estas imagens visuais fazem parte de algo maior – o imaginário – que perpassam nossos modos socioculturais de olhar, aquilo que sabemos ou que acreditamos, como também refletem nossa formação, gênero e interesses, sendo exercendo ao mesmo tempo uma influência sobre essas categorias.

Na recepção do imaginário de Ap 12 que existe na figura “O Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol”, de William Blake, observamos que o autor manteve a imagem de um embate entre forças cósmicas e tons escuros, seguindo sua formação e visão mística sobre o texto

---

<sup>60</sup> GEBARA, Ivone. **El rosto oculto del mal**: na teologia desde la experiencia de las mujeres. Madrid: Trotta, 2000. p. 145-183.





basilar. O dragão-mal é retratado como uma força misteriosa/agressiva – com imagens/elementos das tradições apocalípticas (judaicas, gnósticas e cristãs). ‘A mulher vestida de sol’ possui características das imagens renascentistas e parece representar um poder diferenciado, talvez uma força ‘iluminista’ (ou ‘iluminadora’) que pode ‘expulsar’ o mal/trevas.

Contrastando com a gravura de Blake, percebemos na análise de ‘A Mulher e o Dragão’, de J. Borges, um imaginário (brasileiro e sertanejo) que apresenta imagens claras relacionadas a questão do mal como os conflitos cotidianos da lida com a terra, a falta de água e do sol que queima a plantação. Buscando o recurso do estilo de simplificação, o autor apresenta a possibilidade de mulheres (como crianças e idosos) serem referências diferentes das quiri patriarcais (masculinas e senhoriais) no imaginário de suas gravuras.

Compreendemos que J. Borges avança por uma hermenêutica ecofeminista ao apresentar novas formas reexistencia (e não apenas resistência); ele apresenta o lúdico e o riso como força de desmascarar/destituir o poder do dragão que ameaça a vida na terra.

Finalizamos, lembrando que a presença e atuação de mulheres em oposição a poderes estruturais estabelecidos (como os quiri patriarcais) tem sido uma forma de ‘desvelamento’ (revelação, apocalipse) de novas formas de ação, produtividade, pensar e sentir. Como temos visto, exemplarmente, na atuação de mulheres enfrentando o mal nas periferias do Brasil, entregando comida as pessoas vulnerabilizadas e enfraquecendo poder dos milicianos e traficantes que aliciam a sua comunidade. Assim, elas seguem ofertando novas possibilidades em direção a um mundo diferente e melhor, na medida em continuam se opondo aos monstros-dragões que ameaçam a vida.

## Referências

ANDRADE, Graciele; CARVALHO, Mário de Faria. Caminhos metodológicos sensíveis a partir da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand: a obra de arte como artefato epistêmico e fonte de pesquisa. In: ANDRADE, Graciele; PEREIRA, Clécia; CARVALHO, Mário de Faria (org.).

**Imaginário, estética e cultura: ensaios transdisciplinares.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 21-50.

BÍBLIA ONLINE. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ap/12/1-4+>. Acesso em: 03 mar. 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2001.

DUARTE DE SOUZA, Sandra. A relação entre religião e gênero. Um desafio para a sociologia da religião. **Caminhos**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008.

DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral.** 4. ed. Trad. Helder Godinho. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012.



GEBARA, Ivone. **El rostro oculto del mal**: na teologia desde la experiência de las mujeres. Madrid: Trotta, 2000.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e a espiral da violência**: Resistência judaica popular na Palestina romana. Trad. Monica Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Bíblia e sociologia).

JANSON, H. W. **História da arte**. 5. ed. Trad. J. A. Ferreira de Almeida; Maria Manuela Rocheta Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

J. BORGES – Xilogravura assinada com moldura 48x66cm a psicanalista. **Arte Maior Leilões**, Recife, [s.d.]. Disponível em: <https://www.artemaiorieiloes.com.br/peca.asp?ID=3019570#desc-compl>. Acesso em: 18 dez. 2023.

JUNG, Carl G. **Resposta a Jó**. 10. ed. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEGROS, Patrick. **Sociologia do imaginário**. 2. ed. Trad. Eduardo Portanovas Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014. (Coleção Imaginário Cotidiano).

LELOUP, Jean-Yves. **O Apocalipse de João**: traduzido e comentado. Trad. Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. **Religião e poder no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção academia bíblica).

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: Uma abordagem Afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **Odeere**, Jequié-Bahia, v. 3, n. 6, p. 316-339, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4424>.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

RIBEIRO, Lidice Meyer. **O Apocalipse e a mulher**. Curso on-line (cinco aulas, s/p). Universidade Lusófona-X, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Lisboa, abr./maio 2023.

RICHTER REIMER, Ivoni. **O milagre das mãos**: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico cultural. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC Goiás, 2021. [e-book].

RICHTER REIMER, Ivoni; SOUZA, Carolina Bezerra de; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e epistemologias feministas nos estudos da religião. **Reflexus**, Vitória, v. 14, n. 1, p. 15-43, 2020.

RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Trad. Hugo Barros Gonçalo Marcelo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2018.



ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A falsa religião e a amizade enganadora**: o livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Alcides Cardoso dos. O mal como gênio poético nas ilustrações do livro de Jó, de William Blake. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, Londrina-PR, v. 6, p. 44-63, 2005. Disponível em: [https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol6/vol6\\_4.pdf](https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol6/vol6_4.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

SANTOS, Odja Barros. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334-354, ago./dez. 2018.

SILVA, Valmor; OLIVEIRA, Flávio Augusto de Sousa. Beemot e Leviatã no imaginário do antigo Oriente Próximo. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 27, p. 1-19, jan./dez. 2022.

SOUZA, Carolina Bezerra; RICHTER REIMER, Ivoni. Violência, Bíblia e as Mulheres. **Unitas**, v. 6, n. 1, p. 32-48, 2018. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/645/769>. Acesso em: 03 mar. 2022.

TERRA, Kenner. **O Apocalipse de João**: caos, cosmos e o contradiscurso apocalíptico. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Paulo: Sinodal; EST, 2005.

## Referências das imagens

1 Litogravura “O Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol”, William Blake (1805).

2 Pintura ‘O Pesadelo’, de Fuseli (1741-1825).

3 Destaque da imagem do ‘Dragão Vermelho’, William Blake.

4 Moeda romana fundida com a figura da Mitra-hélios.

5 Xilogravura “A Mulher e o Dragão”, de J. Borges.

6 Xilogravura “A Mulher Corajosa”, de J. Borges.

7 Xilogravura “A Mulher Valente”, de J. Borges.

8 Xilogravura “Monstro do sertão”, de J. Borges.

**Recebido em:** 09 nov. 2023.

**Aceito em:** 14 dez. 2023.